

Como citar este artigo:

COSTA, Renata Beatriz Rodrigues da; SILVA, Sandro José da. Mulheres quilombolas constroem seu pertencimento em um quilombo capixaba. In: América: Revista de Estudos das Diásporas Africanas, 1ª edição, janeiro de 2024. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/revistaamerica>>.

Mulheres quilombolas constroem seu pertencimento em um quilombo capixaba

Renata Beatriz Rodrigues da Costa¹
Sandro José da Silva²

Resumo: Este artigo discute os modos pelos quais mulheres quilombolas de comunidades negras quilombolas desenvolvem relações de força e poder no norte do Espírito Santo. Dona Gessi Cassiano é nossa protagonista. Sua biografia e a descrição da circulação de objetos rituais em uma comunidade regida por ritos católico e a relação com o transe, bem como a agência de Seu Tranca Ruas são os elementos de análise. A etnografia é fruto de um trabalho de campo realizado na comunidade quilombola de Linharinho, localizada na cidade de Conceição da Barra no estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: Mulheres, Negras, Quilombolas, Biografia

Resumen: Este artículo aborda las formas en que las mujeres quilombolas de comunidades negras quilombolas desarrollan relaciones de fuerza y poder en el norte de Espírito Santo. Doña Gessi Cassiano es nuestra protagonista. Su biografía y la descripción de la circulación de objetos rituales en una comunidad regida por ritos católicos y la relación con el trance, así como la agencia de Seu Tranca Ruas, son los elementos de análisis. La etnografía es el resultado de un

¹ Mestra pelo Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

trabajo de campo realizado en la comunidad quilombola de Linharinho, ubicada en la ciudad de Conceição da Barra, en el estado de Espírito Santo.

Palabras clave: Mujeres, Negras, Quilombolas, Biografía

Introdução: O café no fundo da xícara

De turbante verde, Dona Gessi Cassiano apontou na soleira da porta de sua casa para nos receber com seu sorriso aberto, imagem que marcou a primeira vez que estive em Linharinho em 2016. Depois de algum tempo de conversa com alunos e professores do projeto de extensão Jongos e Caxambus, Dona Gessi fez um café e começou a explicar e descrever os passos para produção do dendê feito na comunidade. Ela nos contou importância do silêncio no momento da produção, e usou um pequeno exemplo para ilustrar: “todos nós temos maus e bons pensamentos, dizem que as crianças não têm maldade, mas belisque uma criança pra ver se ela não lhe cria ódio.”

O sussurro, o murmurinho, o cochicho e o silêncio são acionados no contexto de Linharinho de modo profilático, como maneira de minimizar ao máximo os males presentes no ar, no tempo e nos pensamentos das pessoas. Os códigos criados e/ou articulados pelas mulheres com as quais convivi me pareciam uma maneira inteligente de serpentear e criar uma vida habitável, interessante e submersa. Em nossos primeiros encontros levava comigo a frase do antropólogo e amigo orientador: “Ouça muito, fale pouco e boa sorte.” Do café que Dona Gessi havia coado “na hora” para nós, servido em xícaras de vidro transparente, restaria um pouco de pó no fundo da minha caneca. Esse era um sinal, como me disse meses depois Dona Gessi, que eu, em breve, retornaria à sua casa.

A Comunidade quilombola de Linharinho está localizada no município de Conceição da Barra na região norte do Espírito Santo, as narrativas locais e o trabalho da historiografia confluem para a história da escravidão negra e da oligarquia mateense. Sobre esse ponto Maria do Carmo Del Russo nos traz alguns elementos, o comando dessa elite agrária e escravista era formada pelo casal Antônio Rodrigues da Cunha falecido em 1863 e Rita Maria da Conceição Gomes da Cunha falecida na década de 1970.

A Vila da Barra de São Mateus foi constituída pela capitania de Porto Seguro no ano de 1764 e incluía os domínios territoriais da região que hoje engloba os municípios de São Mateus e Conceição da Barra. No recontar das narrativas quilombolas sobre este período da história, abunda uma perspectiva do tempo do cativo na região marcado pela inteligência de Silvestre Nagô e Negro Rugério que atentos às fissuras e divisões entre as elites locais as utilizavam em seu favor e de outros cativos.

A região era uma das maiores produtoras de farinha do Brasil á época, Negro Rugério e Silvestre Nagô que haviam se aquilombado na região conseguiram efetuar um acordo com Rita Maria da Conceição Gomes da Cunha para manter um quilombo segundo dados de época o quilombo teria sido destruído após o ano de 1822.

Esses aspectos históricos demonstram a presença negra na região onde hoje estão localizadas o município de São Mateus e Conceição da Barra, os desdobramentos desse cenário colonial se fazem sentir e foram transformados ao longo do tempo. Neste artigo descrevemos as experiências baseada no vivido no contexto afro-religioso com as mulheres quilombolas que se dedicam a recriar suas vidas nos embates e conflitos. O que informa essa linguagem e os aspetos indizíveis da experiência vivida, como o transe, o marejar de olhos durante uma lembrança, na escolha de metáforas para explicar a vida e enfeitá-la, os sorrisos de cumplicidade e o silêncio funcionam como aspectos

de uma certa ginga, da criação de uma vida que não pode ser capturada e aniquilada como possibilidade.

Dona Gessi de volta ao quilombo

Nossa protagonista é Dona Gessi. Ela é que nos guiou pela complexidade, pelos fluxos, pelas encruzilhadas dos significados e de como os diferentes agentes vivos e divinizados se produzem nas relações sociais. Ao se posicionar como herdeira do legado de seu Pai: Manoel Cassiano, Dona Gessi busca construir a si mesma como uma liderança feminina numa comunidade que já tem lideranças, conjurando desse modo, tensões e conflitos, que a colocam em um lugar de inadequação e de destaque. O trânsito é a categoria central do campo na pesquisa pois convoca a dicotomia campo x cidade que gera as tensões entre as mulheres quilombolas mais bem posicionadas nas comunidades e Dona Gessi Cassiano que volta a Linharinho e precisa se repositonar na vida comunitária após décadas de ausência.

Dona Gessi começou a trabalhar como empregada doméstica em Conceição da Barra, e depois foi para o município de Pinheiros. Com essa família de fazendeiros foi para a capital onde ficaria morando com os patrões por dez anos no bairro residencial de classe média alta Mata da Praia, para que seus filhos se preparassem para o vestibular de medicina na universidade federal. Sua rotina de Gessi incluía passar a semana inteira na casa deles, só retornando para sua casa aos fins de semana para ver os filhos menores. As crianças permaneciam e estudavam no Linharinho sob responsabilidade de sua irmã mais velha: Benedita Cassiano: a Bina e sua Mãe Dona Domingas. Dona Bina, catequista, dava aulas na comunidade, e foi uma das primeiras professoras negras e quilombolas a dar aula no Linharinho e em comunidades quilombolas próximas como São Cristóvão, Paraíso e muitas outras. Com o

adocimento da filha, Dona Gessi abandona o emprego e regressa a Linharinho

O retorno de Dona Gessi para a comunidade quilombola de Linharinho coincidiu com a época de “catação do facho” onde os quilombolas aproveitavam os resíduos do eucalipto para produzir carvão.

Nós trabalhávamos no facho, as vezes tirávamos dois caminhões de lenha. Um pra despesa, despesa que eu falo assim, é que às vezes não dava pra pagar trator, baldeio, motoserrista, pagar carro, e as vezes nem dava por que o caminhão de lenha era duzentos, trezentos reais entendeu? Nós trabalhávamos só para nos alimentar. Só pra ir pro supermercado. E aí todo mundo começou a adoecer. Pressão alta, outros visão né? Porque tinha vezes que a gente tava tirando o facho e eles (monocultora de celulose) metiam o trator batendo o veneno. (Entrevista concedida a autora, 2017)

Nesse contexto ela se insere na luta pelos direitos quilombolas evocando o direito ao território como direito a alimentação adequada e agroecologia. Em meados de 2009, Dona Gessi conta que já era convidada para dar palestras e falar sobre “alimentação saudável” em outras comunidades quilombolas próximas, ela conta que ia montada em uma Jega, montava a carroça, reunia suas irmãs: Nilda e Nazaré, e ia falar:

“E aí eu comecei a ir nas outras comunidades. Eu ia no Angelim II de jega. A bichinha morreu de velha. Eu ia dar palestra pra essas meninas mesmo sem entender o que eu estava fazendo. Essa jega me ajudou muito. Me ajudou a montar uma associação de mulheres. Essa associação de Mulheres (ASMUQCLIN) foi montada eu no lombo de uma jega (indo) na casa desse pessoal.” (Entrevista concedida a autora, 2017)

A projeção política de Dona Gessi é acompanhada de iniciativas de construção de sua religiosidade em Linharinho. Se a criação da ASMUQCLIN foi motivo de controvérsias, especialmente por parte dos homens quilombolas que já tinham suas associações, a religiosidade mostrará outros dilemas quanto ao pertencimento comunitário. A Mãe de Santo com quem Dona Gessi havia se filiado no Bairro de Santana, na sede de Conceição da Barra, foi acusada pelas mulheres quilombolas de Linharinho por ter “trabalhado” para fazendeiros que

agem contra a comunidade. Ela se vê em uma situação ambígua, pois ao mesmo tempo em que é recebida pelas mulheres quilombolas pela sua militância, pelo parentesco e por conta de sua mediunidade, é rechaçada pelas alianças que escolhe. Dona Gessi descobre que não basta o “trabalho” no terreiro, mas a dupla filiação religiosa: Mesa de santo-defesa e política: a defesa dos direitos quilombolas, sem o qual, não se completa seu retorno a Linharinho.

“Quem tem e quem não tem”: Mulheres quilombolas afirmam seus poderes

A frase acima é frequentemente utilizada pelas mulheres com quem eu seguidamente caminhava pela Barra, e acompanhava nos terreiros de umbanda e nas celebrações da capela católica aos domingos diziam sobre aquelas e aqueles que de alguma maneira possuíam o poder de entrar em transe ou “receber” entidades do mundo espiritual que eles “tinham”.

Ter ou não ter, revelava atributo de posse e poder do cavalo de santo, esta pessoa sobre a qual a entidade/orixá/nagô se senta e se apresenta a partir do transe ou incorporação.

No dia 16 de janeiro de 2017 auxiliei e acompanhei Dona Gessi Cassiano e mais algumas mulheres da comunidade de Linharinho que haviam feito um trabalho no terreiro de Umbanda a despachar roupas na mata. Foi a primeira vez que ouvi as expressões que serão descritas aqui.

Depois da entrega feita para as entidades na mata as mulheres e eu retornamos conversando, elas brincavam, dizendo quem “tinha” e quem não “tinha”, para rir em seguida, esse encobrimento de palavras sobre o transe e sobre quem de fato era médium ou “média” me chamou a atenção.

O que esse modo de se comunicar informava naquele contexto? Entre os eucaliptos ainda retornando e brincando, as mulheres continuavam dizendo que não se tinha que ter vergonha de “ser”, ou “frequentar”, pois “nós todos”, no caso os quilombolas, as comunidades da região do Sapê do Norte, temos. Uma das mulheres mais ressabiada dizia que “aquilo” (a religião, ou as entidades) não era para ela, acredito que começou a ficar impaciente com as risadas e animação do grupo já que havia participado daquele trabalho no terreiro unicamente por não ver outra saída e dizia que não se tinha que ter vergonha de dizer que “era” (macumbeiro/espírita/ que tem espiritualidade), ou que “vai” (a um terreiro), mas que ela não “tinha” e nem era de terreiro, sua ida naquele momento se dera única e exclusivamente por não enxergar outra saída para solucionar o que vinha acontecendo em sua vida..

Esses diálogos revelaram que o nome Umbanda de fato pouco agregava ou dizia algo naquele contexto. Umbanda, Candomblé, Catolicismo, são utilizados em contextos variáveis, sendo seu único elemento em comum a matriz afro-brasileira manifestada no transe e em certa mística que une e amarra (para usar um termo do campo) as diferentes expressões da religiosidade do lugar, dependendo do contexto no qual estão inseridas as pessoas, essas religiões podem ter mais ou menos “peso” umas sobre as outras.

Dizer que alguém “tem” ou “não tem” espiritualidade pode significar uma porção de coisas; em um contexto poderia significar que a pessoa é um cavalo de santo, que frequenta terreiro, ou mesmo que alguém na sua linhagem familiar frequentava terreiros ou as mesas de Santa Bárbara, São Cosme e Damião da região do Sapê do Norte. As Mesas são um fenômeno descrito pelos quilombolas como locais de reunião de forças da natureza e ancestrais divinizados.

Depois dessa digressão é importante reconhecer que “Ter” ou “não ter” é um indicativo de posse e de poder, pois saber modelar seu próprio transe e comunicar-se com entidades, ancestrais, espíritos é algo valorizado na

comunidade de Linharinho, logo essas categorias usadas pelas mulheres sinalizam o reconhecimento daquele ou daquela que tem (mediunidade/incorporação/espiritualidade/santo) e que se ligam aos seus familiares que também tiveram, observei também que além da valorização do transe, o esquecimento era valorizado como condição de legitimidade da incorporação.

Dona Baiquinha assegurou-me que não se lembrava, em absoluto, de nenhuma incorporação sua no terreiro, quando lhe perguntei sobre o assunto já que eu havia auxiliado ela quando o nagô que ela incorpora começou a dançar em seu corpo. Ela afirmou que assim é que devia ser, caso contrário, a incorporação não era verdadeira ou tinha menos valor do que alguém que não se recordava de nada. Dona Miúda, em uma conversa que tivemos sobre incorporação, afirmou categórica sobre uma Mãe de Santo da Umbanda que buscou estabelecer sua casa na Comunidade a partir da aliança construída com outras quilombolas: “Ela? Não sabe de nada! Nós aqui sempre mexemos, sempre tivemos.”

Ao estabelecer distinções entre a espiritualidade na Umbanda e na devoção do assentamento de Santa Bárbara existente na Comunidade, assim como Dona Miúda fez anteriormente, Dona Gessi afirma que a espiritualidade (incorporação) das pessoas do Linharinho é diferente, pois “sobe” pelas pernas, vem da pedra. Ao passo que no terreiro de Umbanda como o de Madalena a espiritualidade vem da mesa (congá) o que era muito diferente para ela.

“Ter” ou “não ter” como domínio do transe e da relação com espírito e ancestrais pode ser pensado neste contexto como uma poderosa ferramenta de atualização da memória. A literatura descreve o panteão da Umbanda como um microcosmo das narrativas de formação da nação: pretos velhos, indígenas, marujos, ciganos, dentre outros personagens que compõem o povo brasileiro desde uma perspectiva nacionalista (Segato, 1997). No entanto, se considerarmos as reflexões de Nascimento (2017) que, a partir de seu trabalho

de campo com os Pretos Velhos na Umbanda, pensou os corpos dos cavalos como lugares de memória da escravidão negra transatlântica. No caso de Linharinho veremos que essa memória se projete como relações de poder, dadas as conjunturas da comunidade.

Nesse sentido, as quilombolas de Linharinho “recebem” seus nagôres, que são ancestrais familiares divinizados. São seus Tios, Avós e Bisavós que retornam para visitar seus parentes, dar conselhos e receitar medicamentos. Esses eventos são tratados como lugares de memórias familiares da comunidade de Linharinho que reforçam laços sociais de parentesco. Eles dependem dessas seções de transe, mas, igualmente do cuidado com os elementos que produzem o equilíbrio na terra como o zelo pelas pedras de raio, as águas, o óleo de dendê, dentre outros.

“Ter”, no contexto da comunidade quilombola de Linharinho, atualiza nos corpos das mulheres as memórias de seus ancestrais nagôres divinizados e permitem conexões diversas entre vivos-vivos/vivos-divinizados e divinizados-divinizados. Lembro do meu estranhamento quando vi dois nagôres se abraçarem enquanto dançavam nos corpos de seus cavalos. Eu não sabia com precisão de quem se tratava e observei que algumas mulheres quilombolas na sessão do terreiro começaram a chorar. Robson Cassiano, filho de Dona Gessi, que estava ao meu lado presente na sessão percebeu que eu estava confusa e sussurrou: “Elas (nagôres) se abraçam, pois estão aqui se reencontrando”.

Este poder não está circunscrito ao universo familiar, mas se nota em outros contextos e espaços. Os jongueiros têm sido cada vez mais solicitados a participarem de reuniões de trabalho promovidos por agências de estado, o que pode valorizar as culturas locais, mas gera situações inusitadas. Em uma reunião articulada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), a chegada de um jongueiro que se apresentou também como Pai de Santo trajado de sapato bicolor de verniz branco, calça branca, e blusa vermelha com

uma saudação ao chamado povo da rua, ou da esquerda - entidades alinhadas com a transformação como Exus e Pomba-Giras de distintas falanges. Tal performance gerou um murmurinho entre os jongueiros capixabas presentes, pois esses sempre se apresentam em uniformes padronizados geralmente nas cores da bandeira capixaba. Após a fala desse Pai de Santo, uma funcionária do IPHAN sofreu uma queda quando havia chegado sua vez de falar. Imediatamente os jongueiros pediram para cantar pontos e diversas canções do hinário afro-religioso foram entoadas. Em seguida, os jongueiros capixabas afirmaram que “Nós aqui também temos, os nossos sempre tiveram, qualquer um que jongo, caxambu, não tem como não ter.”

A reivindicação da posse dos atributos espirituais permite o diálogo com algo próximo da ideia de direito à opacidade, a construção de rotas que não sejam capturadas pela categorização do estado. Em seguida veremos que a evocação desse poder se dá também em contextos de remodelação do pertencimento ao território quilombola, funcionando como uma forma de negociação e ingresso no universo da resistência quilombola.

Um nome a Zelar

Data de outubro de 2016 minha primeira ida à comunidade de Linharinho quando conheci Dona Gessi. A primeira viagem foi realizada com bolsistas, pesquisadores e professores do projeto de extensão Jongos e Caxambus diretamente ligados a UFES.³

³ O projeto é coordenado pela professora do Departamento de Teoria da Arte e Música e do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES, Aíssa Afonso Guimarães, junto com o professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Osvaldo Martins de Oliveira, e com a professora do Departamento de Educação, Política e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Patrícia Rufino Andrade. O Jongos e Caxambus é um projeto de extensão interdisciplinar, que desde 2012 trabalha com a cultura popular e com comunidades quilombolas de norte a sul do estado.

Nessa ocasião o coordenador do programa Jongos e Caxambus nos apresentou e mencionou durante a conversa que eu era umbandista e que por conta disso naquele momento podia compreender o que Dona Gessi quando relatava suas tentativas de frequentar uma igreja evangélica, mas não deixar de lado nem a Umbanda e nem o zelo do assentamento de Santa Bárbara. Diante da negativa do pastor, pois ele disse que havia apenas um caminho de acordo com ela, Dona Gessi desistiu de ir aquela igreja, onde sua crença era chamada de “diabo”.

Dona Gessi e eu continuamos a conversar sobre Umbanda e o tema que se originou daí foi a relação das entidades da minha mãe biológica e sua trajetória pessoal. O coordenador havia me introduzido na conversa dizendo que a entidade dela era de Omulu. Eu completei a conversa com uma pequena biografia da maneira como ela se relacionava com sua entidade, com as outras casas e, por fim, os sonhos oriundos do conflito entre as entidades e a vida cotidiana que a levavam muitas vezes à insônia. Omulu tem parentesco com Iansã, rege elementos da terra, da saúde e doença, mas, o aspecto sublinhado nessa conversa é o Olubajê, ocasião em que todos os orixás oferecem um banquete a Omulu em compensação por ele ter sido esquecido na festa de Xangô.

Dona Gessi falou de sua dificuldade em dormir, nos pesadelos relacionados à visão de pessoas dentro de sua casa, da perda de memória e de déjàvu em seu dia a dia. Em um certo sentido, essa situação liminar, no sentido dado por V. Turner (1974), lhe confere uma posição em meio às zeladoras mais experientes do Linharinho. Durante as festas da comunidade ela ensaiava um transe, mas se via que não conseguia nem “dar passagem” às entidades e nem ficar à vontade ao som dos tambores. Ela é prima delas, está retornando à comunidade, é uma aliada, mas precisa aprender como é o “sistema” ali. Para V. Turner, “os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, [pois] não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes,

convenções e cerimonial” (Turner, 1974; 117). Mostrar-se e se sentir deslocada, doente e inadequada garante a Dona Gessi um lapso de tempo até que adquira confiança e possa ocupar seu espaço. Segundo V. Turner na situação liminar o espera-se do sujeito ritual, “que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições” (Idem). Como tais normas são de difícil apreensão, a inadequação é a expressão mais evidente dessa liminaridade.

Não à toa, neste dia, estabelecemos um diálogo sobre o assentamento de Santa Bárbara e as tradições quilombolas. Dona Gessi relatou-me posteriormente que o assentamento ficou um tempo na sala de sua casa devido a queda do teto do antigo local do assentamento. Isso foi indicado por ela como a causa de seu incômodo físico e espiritual. Nesta ocasião ela vivia com a mãe, Dona Domingas, uma das zeladoras do assentamento, mas após a morte desta a situação se alterou e ela passou a se incomodar muito com as manifestações que atribuía ao assentamento. O novo assentamento levou muitos anos para ser reconstruído e nos perguntamos sobre a relação da demora e a mudança nas mãos de quem deveria zelar por ele. O assentamento não é uma unidade, mas a multiplicidade de parentes e entidades mantidas pelos vínculos pessoais. Dona Gessi acabara de se mudar de Vitória para o Linharinho e ela deveria aprender dessas relações para seguir no seu caminho de volta.

A inadequação, experimentada por Dona Gessi como algo físico e espiritual remontam por isso à sua condição de neófita no quilombo, de sua posição recente na “luta quilombola”. Isso se reflete nos conflitos com as demais mulheres quilombolas mais velhas sobre os sentidos da espiritualidade familiar, a própria definição do que é o fenômeno religioso e, quem são os parceiros externos certos para se contar na luta.

A categoria “inadequação” demonstra que Dona Gessi pensa sua trajetória como uma busca incessante pela construção de seu próprio legado a partir da

herança simbólica deixada por seu Pai Manoel Cassiano e reivindicada por ela. Esse legado é sua versão para a “cultura quilombola” que ela encontra nas narrativas de não comunitários quando se referem às lutas e resistência contra as celulósicas. Por outro lado, a “inadequação” se deve à sua própria busca pessoal por uma vida que melhor traduza sua relação com o mundo. A passagem pelas religiões pentecostais é vista como inadequadas, assim como sua trajetória de décadas morando na cidade e trabalhando como empregada doméstica também é vista como “inadequada”. Elas confluem nessa nova experiência de transe e possessão no quilombo, mas aqui também o caminho não é óbvio, dado e precisa ser construído junto aos comunitários.

No fim da conversa nos despedimos e eu prometi voltar na Festa do Beiju que aconteceria no mês seguinte, pois pretendia iniciar o trabalho de campo. A Festa do Beiju foi criada pelas comunidades do Sapê do norte e a cada ano acontece em uma comunidade quilombola diferente, se torna uma oportunidade de rever amigos e fortalecer a luta política. Em sua 12ª edição aconteceu na comunidade quilombola de Linharinho

Etnografia de pessoas em trânsito

Em dezembro de 2016 em meu próprio terreiro, já próximo do encerramento da gira a entidade Seu Tranca-Ruas me chamou com um sorriso e diz: “Você, né moça, gosta de um tambor de uns atabaques...” Eu ri e começamos uma conversa, era a última gira do ano, momento de desejar bons auspícios para o novo ano que ia se iniciar. Nessa altura, eu já tinha passado alguns fins de semana na comunidade de Linharinho, e participado tanto da festa do beiju como da lavagem das pedras de raio de Santa Bárbara, situações que descreverei mais adiante.

Seu Tranca-Ruas continuou a falar e disse: “Olha, aquela moça que você acompanha lá pros lados do Norte, do braço do Rio, ela pega muita carga do lugar onde ela mora. Então você vai levar um charuto para ela, e diz que sou eu que tô mandando, porque ela sabe quem é. Diga também para ela preparar banhos de Guiné, Arruda e Pau d`alho e tomar. Você não sabe o que é Pau d`alho, mas ela sabe.”

Acredito que a minha expressão foi de surpresa, pois em seguida Seu Tranca-Ruas disse: “Tá achando o que moça? Que Tranca-Ruas é só falar palavrão e beber? Eu tenho um nome a zelar.” Seu Tranca-Ruas também me disse que volta e meia passeava pelos “lados de lá”, pelas “bandas do braço do Rio” onde “há força, há raiz”, disse em seguida que não podia ficar muito mais tempo no terreiro, se levantou, me cumprimentou e partiu.

Durante certo tempo, já que eu logo voltaria ao Linharinho, minha dúvida era como fazer com o charuto e as orientações, se por um lado sabia que devia entregar, por outro tinha sérias dúvidas de como essa atitude seria percebida no campo, conversei com o antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira sobre o ocorrido. Ele refletiu comigo e me disse que se era uma encomenda que eu deveria entregar. Assim que estive novamente no Linharinho em janeiro de 2017, muito sem graça expliquei a situação para Dona Gessi que riu e disse: “Está sem graça por quê? Ele mandou você tem que entregar, olha quem eu tenho aqui comigo!” E apontou para uma bengala listrada vermelha e branca que tinha a imagem de um malandro na ponta.

A bengala havia sido dada por uma entidade da linha de esquerda, como vim saber depois. Dona Gessi não entrou em muitos detalhes sobre o objeto eu também percebi que não cabia perguntar. Sobre o charuto de Seu Tranca-Ruas disse: “Eu vou guardar aqui.” E colocou o objeto dentro de um cesto que tem duas imagens de Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, uma vasilha cheia de pedras brancas, terços, água benta, a imagem de uma Preta Velha e agora o charuto.

Cada um desses objetos do cesto contém algo além de sua própria materialidade, ali reunidos expressam algo mais, a pequena imagem quebrada de Nossa Senhora Aparecida era presente de casamento, os terços e a água benta estavam reunidas ali e eram relacionados à cidade de Aparecida e a Igreja Católica da Matriz como me diz Dona Gessi, São Jorge e a Preta Velha eram as maiores imagens do cesto, as duas dadas de presentes por sua Mãe de Santo, Madalena, e agora o charuto de Tranca-Ruas. Essa mistura de cesto, decoração e oratório ajuda a entender o trânsito de Dona Gessi pelas práticas religiosas, conferindo a cada uma um lugar e um tempo em sua vida.

Tudo isso não seria descrito aqui não fosse a intervenção do antropólogo Sandro Silva, pois alguns meses depois dessa história e apesar de tê-la descrito em meu caderno de campo, eu ainda não havia pensado como a minha própria experiência umbandista atravessava as relações que estabeleci com as quilombolas no trabalho de campo e não sabia de que modo escrever sobre isso.

Esse estranhamento foi fundamental para pensar como esse episódio podia ser compreendido dentro da etnografia. Interessou a posteriori o exercício de reflexão epistemológica no sentido proposto por Oliveira (1996) em artigo que trata do ofício do antropólogo. Na exposição, o autor destaca como é criado entre pesquisador e sujeito da pesquisa, por meio da interação, um espaço semântico partilhado no qual se estabelece um diálogo de “iguais”.

Minha inscrição como “crente”, ao entregar o charuto de Seu Tranca Rua a Dona Gessi, promoveu entre nós a circulação dos significados do mundo da “espiritualidade”. Para Dona Gessi, a “espiritualidade” é como um vento que passa, alguns enxergam e outros não, alguns veem e outros não, por isso algumas pessoas incorporam e outras não, sendo localizada como uma pessoa “que enxerga” passei ser convidada para participar de circuitos que envolviam idas aos terreiros e convites de quilombolas de outras comunidades para irem

conhecer suas casas como me foi feito por Dona Maria Amélia, jogueira de Santana, em dos encontros que tivemos durante o trabalho de campo.

A cosmologia do vento também é relacional e demonstrativa do trânsito entre diferentes expressões da religiosidade, no gênesis Deus sopra vento sobre a terra e assim acalma as águas depois do dilúvio pois é quando se lembra de todos os seres vivos. No Linharinho o vento é manifestação da presença de Santa Bárbara que existe e se apresenta aos comunitários a partir dessa expressão.

No caso específico da “viagem” do charuto até o Linharinho a circulação é um elemento que se liga ao próprio trânsito de Dona Gessi por tantos lugares diferentes, mas também às histórias que envolvem o próprio “povo da rua.” Em artigo Cardoso (2007) discute por meio dessas histórias contadas pelo “povo da rua” o caráter de seus feitos, que são comumente associados ao que a autora chama de “imprevisível”. Ao explorar o ato de narrar e contar histórias que envolve entidades da chamada linha de esquerda nas religiosidade afro-brasileira a autora reflete sobre

a circulação de estórias não produz um contradiscurso ao ordenamento do social mas, insinuando-se entre representações genéricas e “objetivas” deste social, dissemina novas significações, introduzindo “diferença” e “ambivalência” nos interstícios do “real”. O ato de narrar o mundo constitui então uma proliferação de signos e uma articulação de múltiplos significados, engendrando um espaço interpretativo no qual se abre a possibilidade de novas percepções do cotidiano. (CARDOSO, p.320, 2007)

Em diálogo com as reflexões de Cardoso (2007) nos interessa em nossa análise compreender de que modos as histórias narradas aqui e vividas no campo abrem possibilidades interpretativas sobre o que o charuto na Umbanda representa e como ele se conecta com Dona Gessi, o Linharinho e sua luta. O charuto na Umbanda pode ser usado para banhos de “limpeza” ou de “descarrego”, para o chamado banho de fumo, sendo a qualidade de “pesado” e “leve” ou de “carga” e “descarga” atribuída a pessoas, contextos e lugares. Durante a etnografia era comum entrarmos em alguns lugares e Dona

Gessi dizer: “Sentiu como estava carregado?” O peso é algo para ser considerado, pois tudo pode ter uma medida, as pessoas, os lugares e os objetos.

Indo ainda mais longe na análise também é possível pensar no alcance de uma categoria que importa para Dona Gessi e para Seu Tranca-Ruas naquela situação específica: o trânsito. Reconhecer-se como alguém que transita é importante para Dona Gessi, pois foi desse modo que ela remodelou sua própria trajetória. No caso da entidade Seu Tranca-Ruas o trânsito é a marca de sua independência, de sua capacidade de nublar fronteiras, de, como ele disse, ser muito mais do que “falar palavrão e beber”. Um trânsito que pode ser pensado de modo análogo ao próprio trânsito de escravizados do atlântico para o Brasil, transitar é no sentido dito por Seu Tranca-Ruas o oposto de ser cativo, é fazer seu próprio caminho, construir a vida a seu modo, nesse contexto ter um nome a zelar é perpetuar uma herança atribuída, negar a determinação e romper com o natural naturalizado.

Considerações finais

A recomendação de Seu Tranca-Ruas nos auxiliou a retratar neste contexto como a realidade é um lugar de luta pelas classificações, e se impôs ao classificar a si próprio como portador de um legado. Como todo trickster, Seu Tranca-Ruas é um agente que causa caos e dúvida ao denunciar a naturalização das regras. É dessa incerteza que gera novas alternativas à medida que desarranja aquilo que é estagnado, mas dá a ele uma saída plausível. Desse modo, fixam-se normas já que as expõem à desordem da ausência dessas normas, assim ele se estabelece exatamente em sua ambiguidade. Novamente V. Turner (1975) nos ajuda a entender que o vínculo social, reeditado continuamente pelos rituais, produz uma “área de vida em comum” que ele caracteriza como “communitas”, um espaço em que nos encontramos com Seu Tranca-Ruas e Dona Gessi para “reconhecer um laço

humano essencial e genérico, sem o qual não poderia haver sociedade” (Idem; 119).

A perspectiva de pensar a agência da entidade também inclui um viés político, já que Seu Tranca-Ruas está localizado nas religiões afro-brasileiras à esquerda, em um coletivo de seres alinhado com a transformação, e que identificam a si próprios com as camadas mais marginalizadas socialmente e mais do que isso se identificam com a transgressão. Os quilombos estão desde sempre localizados no polo subalterno da política do país, alinhados com a necessidade de resistir para existir. Ao passo que os senhores de terras comumente se identificavam com a classe dominante da política do país, o que retardou a abolição da escravidão no Brasil e teve como resultado o fato de sermos o último país das Américas a fazê-lo. A agência de Seu Tranca Ruas revelou um mundo que aparecia até então encoberto por práticas de devoção que eu ainda percebia bastante ligadas ao catolicismo popular. Foi a partir desse episódio que comecei a perceber que para Dona Gessi e para outras quilombolas do Linharinho as pessoas, entidades, nagôres e orixás necessariamente se deslocam.

Referências

CARDOSO, Vânia Zikán. Narrar o mundo: “Estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível. Revista MANA 13(2): 317-345. Rio de Janeiro, 2007.

SEGATO, Rita Laura. Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização. SÉRIE ANTROPOLOGIA No. 215. UnB. Brasília, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de Oliveira. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. São Paulo. Revista de Antropologia, Vol. 39, No. 1. 1996.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1975.